

O Lloyds Bank otimista

GAZETA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Londres

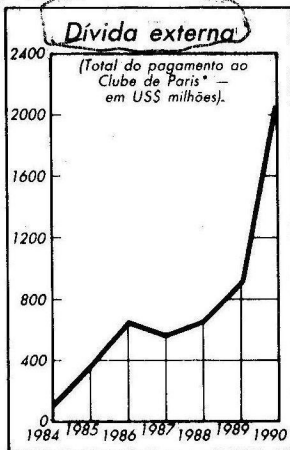
18 SET 1991

O Brasil não acertou ainda um acordo com os bancos credores nem com o FMI e sua economia está longe de estar estabilizada. Mesmo assim, tem conseguido voltar a captar dinheiro novo voluntário no mercado internacional.

Até quando?

"Os problemas do Brasil são imensos", lembrou a este jornal o presidente do Lloyds Bank, Sir Jeremy Morse. "Eu costumo comparar com os problemas da União Soviética", sugere. De todo modo, ele se declara basicamente otimista e acha que a volta ao mercado não é apenas uma pequena janela temporariamente aberta.

Sir Morse, 63 anos, um londrino formado em Oxford, viu a dívida externa do Terceiro Mundo crescer, dos dois lados do balcão. De 1966 a 1972 ele foi diretor executivo encarregado da área internacional no Banco da Inglaterra, o banco



Fonte: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil.
* Juros e amortizações

central britânico. De 1975 a 1977, como vice-presidente e, desde então, como presidente do Lloyds Bank, ajudou a transformar o banco no maior credor britânico do Terceiro Mundo, ao lado do Midland Bank. O banco ainda tem um portfólio superior a US\$ 7 bilhões com esses países, dos quais cer-

ca de US\$ 1,8 bilhão com o Brasil.

O que o anima no Brasil — e nos outros países latino-americanos — é uma convergência em relação ao que é preciso fazer: reduzir o Estado, controlar o déficit e a inflação e abrir a economia. Alguns países, como o México, o Chile, a Venezuela e a Colômbia, melhoraram substancialmente sua situação econômica e voltaram aos mercados. Neste processo, supõe Sir Morse, poderão trazer, junto com eles, de volta ao mercado internacional, alguns países centro-americanos com longa tradição de inflação baixa.

Sir Morse acha que "o ponto crítico ideológico foi superado" na América Latina e mesmo os países ainda com problemas, como Brasil, Argentina e Peru, concordam em relação à direção que querem ir. "Foi uma sorte que o Chile, que começou este processo de mudanças, virou uma democracia e manteve um bom desempenho econômi-

co", argumenta. Isso acabou legitimando um tipo de política econômica aos olhos de outros países da região.

No caso do Brasil, ele elogia "os passos que o presidente Collor deu na direção correta", embora advirta que ainda restaram "problemas muito sérios a resolver". Sir Morse esteve duas vezes no Brasil, no início deste ano e, numa conversa com este jornal há alguns meses, se disse impressionado por ter constatado, pela primeira vez, uma forte dose de desânimo e pessimismo no País.

Cauteloso, ele evita dizer que considera o problema da dívida externa do Terceiro Mundo resolvido, mas admite que "foi dado um decisivo passo à frente no último ano". Ele gosta de usar a imagem que foi cruzada, a "penúltima porta" que separa esses países de um pleno retorno ao mercado internacional — uma forma de resguardar-se contra más surpresas.

Ao mesmo tempo, no entanto, ele reconhece que a reabertura do mercado para vários países é um fato

(Continua na página 21)

A missão do Fundo Monetário Internacional desembarca hoje em Brasília para dar continuidade às negociações que poderão resultar em um acordo do tipo "stand by" entre o País e a instituição. O negociador da dívida externa, Pedro Malan, chega hoje aos Estados Unidos também para retomar as negociações da dívida externa com o comitê dos bancos credores.

(Ver página 21)

O Lloyds Bank otimista

70 SET 1991

BOLETA MERCANTIL

por Celso Pinto
de Londres
(Continuação da 1ª página)

positivo e não desprezível. Em casos como os do Brasil e da Argentina, a volta ao mercado voluntário criou um paradoxo. Os bancos sempre insistiram que sem um acordo para a dívida e para com o FMI seria impossível esses países voltarem aos mercados. Os dois países têm levantado recursos no mercado de eurobônus antes do acordo sobre a dívida e cabe a pergunta se não se poderiam considerar menos pressionados a fechar um acordo.

Sir Morse admite que, como credor, isso o preocupa um pouco. Mas acha que o ambiente positivo criado pela possibilidade de buscar recursos no mercado voluntário ajuda. Está confiante na perspectiva de fechar um acordo com o Brasil.

O Lloyds, apesar de ser um grande credor do Terceiro Mundo, está numa posição relativamente confortável. O banco tem provisões para perdas de até 78% do seu portfólio de médio e longo prazo (com maior risco) ou 70% do portfólio total com o Terceiro Mundo. En-

tre os quatro grandes bancos comerciais britânicos, é o que tem apresentado resultados recentes mais consistentemente positivos.

Numa entrevista com um pequeno grupo de correspondentes estrangeiros, ontem, na sede do Lloyds, na City, Sir Morse revelou uma visão otimista sobre o papel dos bancos europeus na década de 90. O "boom" de empréstimos bancários que coincidiu com a redução da inflação nos países desenvolvidos, nos anos 80, afetou, a seu ver, mais o sistema bancário norte-americano e japonês do que o europeu.

Sua análise é que os bancos norte-americanos não voltarão a ser uma força competitiva no mercado internacional antes de cinco anos, enquanto a recuperação dos bancos japoneses levará pelo menos três anos. Por essa razão, os bancos europeus, pela primeira vez em muitas décadas, estão em posição relativamente melhor para aproveitar as oportunidades imediatas.

Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, de todo modo, a tendência, em sua opinião, será idêntica: a de reduzir o setor através de

fusões, aquisições, associações, etc. Sir Morse diz que a supercapacidade do setor bancário em todo o mundo tem sido uma tendência que atravessou incólume a inflação dos anos 70 e o controle inflacionário dos anos 80. Mesmo depois de um período de enxugamento à frente, ele acha que ainda sobrarão gordura entre os bancos internacionais.

Uma das novas oportunidades nos próximos anos, teoricamente, são os países do Leste europeu. Sir Morse, no entanto, é muito cauteloso nesta área. Ele acha que o financiamento desses países será, por algum tempo, preenchido mais pelos governos do que pelos bancos privados.

Algumas oportunidades de negócios têm surgido e os bancos de investimento, em especial, têm ganho dinheiro na assessoria a esses países. Os bancos comerciais, contudo, não deverão ampliar sua presença na região num horizonte visível de tempo, e ele não prevê um acesso importante desses países ao mercado internacional de capitais.

O Lloyds, por exemplo, não pretende ampliar, a curto prazo, nem sua presença nem seu portfólio

com o Leste, ainda que Sir Morse considere o futuro da região definitivamente integrado ao futuro da Europa. Como lembra Sir Morse, às vezes os bancos conseguem bons lucros em áreas com um contexto adverso e algumas vezes não conseguem lucrar apesar do contexto positivo. O Leste está melhorando seu contexto, mas até agora isso não tem pronunciado, para os bancos, boas oportunidades lucrativas.

Ao contrário de parte do "establishment" britânico, Sir Morse é francamente favorável à unificação monetária europeia e ao estabelecimento de um banco central único, nos moldes do Fed norte-americano. "Eu preferiria localizar esse banco central único em Frankfurt, para indicar claramente seu viés anti-inflacionário", diz ele, para horror dos conservadores nacionalistas ligados à ex-primeira-ministra Margaret Thatcher. Ele admite, contudo, que é "improvável" que o governo britânico aceite um banco central unificado europeu ou mesmo concorde em tornar o Banco da Inglaterra em um banco independente, como o alemão.